

Carl Trueman

A IMPORTÂNCIA DA
SINCERIDADE
NO ESTUDO
TEOLÓGICO



Os Puritanos

A importância da sinceridade no estudo teológico – Carl Trueman

© 2012, Editora os Puritanos/Clire

Título original em inglês: The Importance of Being Earnest: Approaching Theological Study

1ª Edição em Português - Dezembro 2012 - Edição Digital

É permitido o compartilhamento desta publicação digital e citações em resenha, sendo vedada a reprodução total ou parcial por meio impresso e com fins comerciais.

EDITADO POR Manoel Canuto

TRADUZIDO POR Hélio Kirchheim

REVISADO POR Márcio Santana Sobrinho e Waldemir Magalhães

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO CAPA E MIOLO Heraldo F. de Almeida

Dr. Carl Trueman é ministro presbiteriano (OPC), professor e chefe do Departamento de História da Igreja no Westminster Theological Seminary, Filadélfia, USA. Este artigo, aqui reproduzido com autorização do autor, foi publicado na Revista Themelios 26.1 (Outono de 2000): 34-47.

Trueman, Carl, 2012

A importância da sinceridade no estudo teológico

Recife: Editora Os Puritanos/Clire, 2012

32 p.: 14 x 21 cm

1. Estudo teológico 2. Sinceridade 3. Estudo acadêmico

A IMPORTÂNCIA DA
SINCERIDADE
NO ESTUDO
TEOLÓGICO

Dr. Carl Trueman



Os Puritanos

A IMPORTÂNCIA DA SINCERIDADE NO ESTUDO TEOLÓGICO

NÃO HÁ pergunta mais premente formulada pelo estudante de teologia do que a questão de como o estudo teológico acadêmico pode relacionar-se adequadamente à vida diária desse mesmo estudante enquanto cristão. Ora, esse é um tema vasto, e dificilmente poderá ser abarcado de forma apropriada neste artigo. Afinal, é um assunto com o qual algumas das maiores mentes da igreja têm lutado durante a vida toda, sem jamais chegar a uma resposta plenamente satisfatória. Por essa razão, é importante, desde o início, deixar bem claro qual é o ponto que pretendo debater neste artigo, para que, como dizem os profissionais da propaganda, evitemos as frustrações. Meus objetivos são bem modestos. Não pretendo lidar com nenhum contexto específico, apenas com o contexto geral em que os seus estudos devem ser abordados.

Já desde o início deixo claro que, embora reconheça que o dilema cabeça/coração seja especialmente relevante para os que estão envolvidos no estudo teológico em tempo integral, é algo que afeta a todo e qualquer cristão em todo e qualquer lugar. Dizer que todos os cristãos são teólogos é, de fato, um clichê — mas nem por isso deixa de ser verdadeiro. Toda e qualquer pessoa que medita em Deus, que pensa a respeito de quem Deus é do que tem feito; qualquer pessoa que de alguma forma se viu perturbada ou desafiada por algum problema legítimo no texto

bíblico, ou se viu confusa com o ensino da igreja que diz ser Deus um em três, que tenha sido confrontada com algum assunto de importância teológica, com certeza entrou no mundo da teologia, e se deparou, embora talvez de forma inconsciente, com o perene dilema cabeça/coração. Dessa forma, tal dilema não peculiaridade das discussões universitárias que varam a noite; é o resultado inevitável do fato de que a fé cristã, apesar de desafiar os seres humanos como seres humanos, possui um conteúdo intelectual que precisa ser encarado de alguma forma e em algum nível por todos os crentes.

Depois de dizer isso tudo, é necessário dizer que o dilema cabeça/coração é relevante de forma especial aos teólogos de tempo integral porque encontra-se ligado ao seu dia-a-dia de forma constante, e porque os confronta por todos os lados. Todos os dias aparecem contestações à sua crença nas Escrituras, em Deus, em Cristo e na salvação, exigindo muito esforço intelectual como resposta. Esse ambiente conflituoso cria uma devastadora tentação de abstrair a doutrina do contexto prático da vida, e fazer dela um fim em si mesma. Dessa forma, a Bíblia torna-se um livro a respeito do qual discutimos, e já não é a base sobre a qual construímos a nossa vida; a Trindade torna-se um exercício de lógica e metafísica, não mais a pedra angular da criação e da salvação; e assim por diante. Crença e prática, doutrina e vida são, dessa forma, separadas, e a fé cristã, para dizê-lo francamente, é castrada.

Além disso, há muitas questões que se amontoam em nossa mente quando nos aproximamos do assunto sobre como relacionar os estudos teológicos com nossa vida diária. Contudo, uma porção delas lida com aspectos específicos: como combinar a crítica textual com meu sistema evangélico? Como apli-

car a hermenêutica à minha leitura bíblica diária? O que posso aprender da história a respeito da vida da igreja de hoje? Essas são perguntas importantes, mas representam manifestações específicas de um problema mais profundo: para os teólogos, o assunto é, no final das contas, saber como integrar a tarefa de tratar a Bíblia como objeto de análise nos seus estudos e como a fonte de devoção na sua vida cristã. Os problemas evocados pela crítica textual, pela teologia sistemática, pela filosofia da religião, pela história da igreja etc., no final dissolvem-se em variações desse mesmo e único tema básico. Por isso, o que se faz necessário é um modelo de vida cristã que forneça um suporte que permita a integração da análise e da devoção.

Para formar um modelo desses, precisamos antes definir o que seria a teologia num mundo ideal (dou ênfase ao fato de estarmos falando aqui de “mundo ideal”; daqui a pouco, voltarei ao mundo real). A essa altura, reconheço minha dívida para com João Calvino que, no início das suas *Institutas*, apesar de não usar a palavra “teologia”, destacou o fato de que o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos estão intimamente ligados, de forma que não é fácil ver qual deles vem primeiro. A definição de Calvino é útil aqui porque ela destaca o fato de que a teologia possui dois polos opostos um ao outro: de um lado está Deus, que revela a si mesmo; do outro lado estão os seres humanos que recebem essa revelação. Calvino prossegue dizendo que a revelação de Deus se ajusta à capacidade humana — não é que seja uma síntese imperfeita, corrompida e inadequada do humano e do divino, mas é a verdade divina expressa de forma que os seres humanos possam apreendê-la. Em suma, a natureza da teologia é determinada tanto pelo Deus da qual depende como pela humanidade que a recebe. Isso significa que, qualquer que seja o modelo que desenvolvamos para

entender como o estudo teológico e a devoção cristã devem integrar-se, ele precisa basear-se no entendimento que temos a respeito de Deus; no entendimento que temos de nós mesmos; e conseqüentemente no relacionamento que existe entre ambos.

Os fundamentos desse relacionamento, partindo de uma perspectiva evangélica, podem ser brevemente descritos da seguinte forma: o Deus trino criou o mundo e a humanidade como a coroa da criação; a humanidade caiu em pecado, pecado que obscureceu toda a sua existência, incluindo as tradicionais áreas chamadas de intelecto, vontade e emoções; por meio da encarnação da segunda pessoa da Trindade, Deus remiu um povo para si mesmo; esse povo agora goza de comunhão com Deus, o Pai, por meio de Cristo, o Filho, através do ministério pessoal do Espírito Santo; embora os cristãos tenham um antegozo da sua perfeição escatológica nesta vida, eles permanecem como quem espera ansiosamente a plena consumação da sua salvação no final dos tempos, e não como quem goza plenamente a salvação já no presente, a não ser unicamente por expectativa.

Dada a realidade dessa estrutura básica para entender nossa existência, torna-se óbvio que as condições para uma vida saudável como estudante de teologia são determinadas em grande parte, como se esperaria, pelas condições para uma vida espiritual saudável em geral. Quais são essas condições? Bem, usando uma frase que os puritanos gostavam de empregar, essas condições consistem basicamente no cuidadoso e fiel emprego dos meios da graça. É aí que começa a vida espiritual saudável, e isso é algo que precisa receber prioridade se quisermos conseguir uma integração apropriada de nossa vida de trabalho com nossa existência cristã mais ampla. Temos de prestar atenção a esse “feijão com arroz” antes de nos voltarmos a detalhes mais sutis.

O que são esses meios de graça? De uma forma bem simples, são eles: num nível coletivo, envolvimento na vida de adoração da igreja, a pregação da Palavra e a celebração da ceia do Senhor; e, num nível pessoal, oração e leitura da Bíblia. Acertem o passo nessas coisas, e vocês estarão a caminho de colocar em ordem um estilo de vida que os ajudará a resolver as dificuldades que venham a ter com respeito à vida cristã e aos seus estudos.

É claro, a essa altura alguns podem sentir-se tentados a desdenhar. Você esperava ler da parte de um professor universitário algumas formas inteligentes e brilhantes de organizar e juntar as diversas partes da vida; você não quer ouvir que precisa ir à igreja, orar, e ler a Bíblia. À semelhança de Naamã, que desejava ser curado da lepra, você quer algo complicado e mais elaborado que resolva o seu problema. Bem, se é desse jeito que você reage ao meu argumento até aqui, eu gostaria de fazer algumas observações.

Na minha experiência como professor universitário nos últimos oito anos, conheci inúmeros estudantes evangélicos que se deram mal durante os seus estudos. Eles consideraram pesados demais os ataques críticos contra a Bíblia ou os ataques radicais da filosofia e da teologia, ou os efeitos relativizantes dos estudos históricos e fenomenológicos, e por fim acharam mais fácil abandonar a posição evangélica do que posicionar-se contra o dilúvio de argumentos alternativos que lhes eram arremessados de todos os lados. Isso, sem sombra de dúvida, é uma tragédia, e mais do que uma vez me levou a questionar minha própria posição como membro de ministérios onde esse tipo de coisa acontece; e contudo, em cada um desses casos de que tomei conhecimento, o problema nunca foi unicamente,

ou mesmo basicamente, um problema intelectual. Na troca de ideias com esses estudantes, o problema sempre começou numa outra esfera: faltava ir à igreja, ler a Bíblia, ter uma vida íntegra e obediente; e é esse declínio na prática do andar cristão diário que proporcionou a estrutura para a iminente crise intelectual. De fato, em uma ou duas ocasiões, parece que a crise intelectual foi o resultado da tentativa de justificar uma ação moral ou prática que haviam adotado. Obviamente, eu não me atreveria a generalizar a partir da minha experiência todos os casos pessoais de crises espirituais de alunos, mas o padrão geral é pelo menos sugestivo; e quando levamos a sério a nossa existência como seres espirituais e inteiramente pecadores, com toda a irracionalidade que de forma inevitável está vinculada a esse estado, precisamos tomar cuidado para não superestimar a honestidade e integridade intelectual que de fato motivam nossas convicções intelectuais.

Temos sempre de lembrar que os seres humanos não são simplesmente autômatos intelectuais. Nossas crenças não são apenas o resultado de processos lógicos de valor neutro que funcionam a partir de verdades óbvias. Isso é algo que o colapso do iluminismo racionalista seguido de perto pelos críticos pós-modernistas de fato deixaram bem claro; e isso é algo que Lutero e Calvino poderiam ter nos dito quinhentos anos atrás, e que Paulo identificou no século primeiro, e de que a serpente se aproveitou de forma tão surpreendente no episódio de Gênesis 3. Por essa razão, a fé cristã é uma postura tanto moral como intelectual. A razão por que as pessoas não creem em Cristo é que se encontram numa situação moral e intelectual de rebelião contra Deus. Isso não significa que os incrédulos são tão ruins quanto poderiam ser; mas aponta para o fato de que todas as objeções à fé cristã contêm um elemento moral fundamental

que se opõe às exigências de Deus. No final das contas, Cristo nos aponta a nossa pecaminosidade, nossa maldade moral; ele se levanta contra a nossa própria justiça; ele nos chama ao arrependimento, para morrermos para nós mesmos, e viver para ele, ainda que cada instinto de nossa mente e corpo lute contra isso; e, pasmem: nós não gostamos disso de forma alguma. Além disso, enquanto permanecermos neste plano mortal, continuaremos a debater-nos contra nosso impulso humano básico de nos vermos livres de Deus. Dessa forma, perder a fé, assim como não possuir fé, nunca é um simples problema de epistemologia; é também um problema moral. De forma idêntica, a falha em integrar algum aspecto específico da nossa vida na realidade mais ampla de nossa união com Cristo, dos nossos estudos feitos na biblioteca da universidade com nosso comportamento no matrimônio não é simplesmente um problema de técnica, mas é também um problema moral.

Meu primeiro ponto fundamental, então, é o seguinte: não pense que você pode integrar com sucesso os seus estudos teológicos com o seu andar cristão diário a não ser que primeiro tenha construído o seu andar cristão numa base sólida e sadia. Você está orando todos os dias por auxílio espiritual, não apenas em favor do seu trabalho, mas por sua vida em geral? Você está lendo todos os dias a Palavra de Deus, não apenas para ser aprovado em seus exames, mas para conhecer por si mesmo a história da salvação, com a revelação de Deus a respeito de si mesmo, de forma que entenda mais plenamente o Deus que o redimiu e conheça a sua própria identidade como redimido do Senhor? Vocês estão participando com regularidade de uma igreja local (e nessa altura quero dar ênfase ao fato de que o Centro Universitário não é substituto para a igreja) onde a Palavra é fielmente pregada e a ceia do Senhor é regular e apro-

priadamente administrada? Se vocês não estão fazendo isso, espero que parem agora, porque não tenho nada mais para dizer que lhes seja proveitoso; se vocês não estabeleceram essas bases fundamentais para integrar os seus estudos com a sua fé, então vocês simplesmente não estão prontos para tratar das questões mais específicas que a teologia acadêmica suscita para o cristão.

Se, no entanto, você observa cuidadosamente esses princípios basilares da vida cristã, tanto no plano individual quanto no coletivo, então podemos passar para o nível seguinte, que é o da integração. Se o primeiro ponto se refere à sua vida geral como cristão, então meu segundo ponto refere-se especificamente a como você deve entender qual é a finalidade dos seus estudos. Com qual modelo você deve agir quando procura ajustar seus estudos no contexto da sua vida cristã como um todo? A esse respeito, gostaria de apresentar dois pontos e, outra vez, nenhum dos dois se restringe ao chamado do estudante de teologia. O primeiro (em ordem de prioridade) é que o estudo teológico, assim como qualquer outra coisa que fazemos nesta vida, é algo que se deve fazer em primeiro lugar para a glória de Deus; e isso significa estar ciente da atitude com que procuramos fazê-lo, ajustando-a, moldando-a com esse fim. Esse ponto, espero, é algo óbvio. Em segundo lugar, os estudos teológicos devem ser uma oportunidade, um caminho para servir a igreja em geral.

Vale a pena prestar muita atenção a este último ponto: o modelo fundamental de toda a atividade cristã é a do serviço, do trabalho de servo. Os cristãos não vivem para si mesmos, nem lutam para obterem glória para si, mas dão-se a si mesmos aos outros. “De cada um conforme as suas habilidades, a cada um conforme as suas necessidades” — um slogan de origem mar-

xista, eu sei, mas que não é um lema ruim para o cristão em geral e para o estudante de teologia em particular. O cristão é, por definição, alguém a quem foram concedidos grandes privilégios; e com esses grandes privilégios vêm grandes responsabilidades de servir aos outros. E o estudante de teologia, por meio daquilo que estuda é alguém com privilégios especialmente maravilhosos e, por essa causa, alguém que possui responsabilidades especialmente assombrosas.

Como isso acontece na prática? Bem, em primeiro lugar, precisamos livrar-nos de toda e qualquer ideia de que somos, por assim dizer, o dom de Deus para a igreja cristã. Talvez conheçamos mais sobre teologia do que a pessoa sentada ao nosso lado na igreja durante o culto de domingo de manhã; podemos ser capazes de vencê-los em qualquer debate que surja sobre algum ponto teológico no contexto de uma reunião da igreja ou mesmo numa discussão informal durante o cafezinho; mas isso não significa que sejamos cristãos que glorifiquem a Deus de alguma forma mais efetiva do que esses irmãos. Se o cristianismo envolve íntima união de crença e prática, ou o conhecimento de Deus que se expressa por meio da piedade, como diria Calvino, essa é a piedade do verdadeiro cristão, de modo que o domínio técnico da exatidão do conhecimento não conta de forma alguma por si mesmo como cristianismo genuíno. Como resultado, cultura meramente técnica não nos qualifica para assumirmos uma função de liderança em nossa congregação local, nem é ocasião para que vocês a imponham sobre as outras pessoas. Muitos de nós somos inteiramente capazes de ler e dominar todos os detalhes do manual de um automóvel; mas eu não me consideraria capaz de trocar os freios do meu próprio carro, muito menos os freios do carro de outra pessoa. Dessa forma, saber o que significa a oração não é a mesma coisa que saber o

que significa orar; saber, por exemplo, o que *diz* a definição do Credo de Calcedônia não é a mesma coisa que saber o *significado pessoal* da definição de Calcedônia.

Lutero captou muito bem essa verdade quando distinguiu entre a sua própria teologia e a dos seus oponentes, contrastando o impacto existencial e as exigências pessoais da doutrina cristã conforme ele a entendia com a posição dos outros. Nas palavras dele, os seus inimigos sabiam que Cristo tinha morrido e ressuscitado de entre os mortos; mas ele sabia que Cristo tinha morrido e ressuscitado de entre os mortos por ele, Lutero. A diferença está entre um professor sentado numa biblioteca, lendo o relato de algum arquivo que narra que a cavalaria está a caminho para salvar as tropas sitiadas, e receber o recado da cavalaria quando se está de fato entre as tropas sitiadas.

Tudo isso pode parecer evidente para nós, mas realça o fato de que o conhecimento impessoal e abstrato não deve jamais ser confundido com o conhecimento doutrinário pessoal que se encontra no centro da vida, da fé e da igreja cristãs. Por essa razão, o ponto básico é este: quando você sae do teatro das aulas e entra na igreja, lembre-se em primeiro lugar de que é você — um pecador salvo pela graça de Deus em Jesus Cristo, nada mais, nada menos. Em segundo lugar, lembre-se de que, embora você talvez tenha dons, grandes dons, para oferecer à igreja — é a igreja quem precisa reconhecer esses dons; os quais você deve oferecer com toda humildade. A sua atitude deve ser a de um servo que considera as suas habilidades como uma oportunidade para servir de forma mais eficaz a outros, em vez de ser um motivo para exaltar-se acima daqueles que não tiveram o privilégio de uma educação teológica.

Como resultado disso, o próximo passo em direção ao correto estudo teológico, depois do fundamento do culto individual e coletivo, é envolver-se como servo em qualquer nível que seja nas atividades do dia-a-dia da igreja, seja como professor da Escola Dominical, como líder da mocidade, ou mesmo na limpeza das dependências da igreja. O próprio Cristo humilhou-se para lavar os pés aos discípulos — e devemos estar dispostos a sermos também humildes assim.

É evidente que isso é algo que se requer de todo e qualquer crente: todos devem esforçar-se com afinco na igreja local como parte natural da sua existência cristã. O que estou defendendo todo esse tempo é que a verdadeira integração da fé e do estudo só é possível com uma vida cristã geral equilibrada e saudável, e esse aspecto de atividade na igreja, em qualquer forma que se apresente, é apenas outro aspecto disso. Apesar disso, há muitos benefícios tangíveis que podem vir do teólogo em particular através de certos tipos de serviço, em adição aos benefícios espirituais gerais de uma vida pautada pela obediência a Deus.

A Escola Dominical, por exemplo, é um excelente meio para desenvolver uma verdadeira mentalidade teológica (em oposição ao mero academicismo ou erudição). Aqui o teólogo se vê frente a frente com uma classe de jovens que provavelmente não têm sequer idade para serem indiferentes ou hostis, nem alguma combinação letal desses dois; e ao mesmo tempo eles também não possuem nenhuma educação teológica. As crianças talvez conheçam as histórias bíblicas mais comuns, talvez possuam algum tanto de conhecimento teológico; mas o duplo desafio de explicar-lhes conceitos difíceis de forma que possam entendê-los, e de fazer tais conceitos relevantes à forma que vivem e pensam cada dia é um profundo desafio do qual a maioria dos

teólogos de torre de marfim não tem a menor noção. É nesse ponto que a teoria toca a prática; é assim que se põe a mão na massa; é aqui que se pode começar a sentir o verdadeiro desafio da relevância da teologia na vida real, vivida por pessoas reais.

Isso, de forma indireta, nos traz agora por fim ao assunto da teologia acadêmica. Como escrevi no início, não estou habilitado nem pretendo discutir as questões específicas que você talvez tenha a respeito do criticismo bíblico, da filosofia bíblica, etc., questões que você pensa que impedem a integração da fé com os estudos que você tanto deseja. No entanto, espero ressaltar um problema com a teologia acadêmica que se encontra bem no seu âmago, e que fornece muito do contexto para o problema com que sofrem alguns dos leitores, de associar fé e estudos. Esse é o assunto da teologia como uma disciplina universitária. Assim sendo, preciso ser cauteloso para ser claro quanto ao que pretendo dizer aqui, e por essa razão torna-se necessário fornecer um pouco de pano de fundo histórico.

Qualquer pessoa que possui um pouco de conhecimento daquilo que era considerado conhecimento teológico na era patristica, do que se desenvolvia na Idade Média, ou do que era elaborado pelos reformadores e puritanos nos séculos dezesseis e dezessete saberá que esse conhecimento teológico era uma disciplina prática, intimamente conectada com a vida da igreja, e isso exatamente porque surgia da vida da igreja. Ele era parte integrante da vida e do testemunho da igreja, e por essa razão era intensamente prático. Não é que se restringisse à mera práxis ou à reflexão sobre a experiência religiosa e não envolvesse profunda análise doutrinária — é evidente que não era esse o caso. Mas ele normalmente era procurado como parte integrante do sentido da confissão que a igreja fazia, durante os seus cultos, de

que Jesus é o Senhor. Os debates a respeito da Trindade, a respeito da pessoa de Cristo, e sobre a graça todos eles surgiam no meio da vida da igreja à medida que a própria igreja se deparava com os mais variados desafios, internos e externos, quanto à sua posição e procurava deixar claro o seu testemunho no mundo. É claro que estou ciente de que isso é uma simplificação do que ocorreu; afinal de contas, qualquer tentativa de reduzir mil e oitocentos anos de reflexão teológica a uma simples causa ou tema forçosamente envolve uma imensa generalização. Apesar disso, no mundo anterior à crítica teológica, havia uma unidade de propósito nos assuntos teológicos produzida tanto por parte dos profissionais nele envolvidos, pessoas que estavam envolvidas na vida diária da igreja; pela audiência a quem se dirigiam, aqueles que compunham a igreja; a sua base, a revelação pessoal de um Deus pessoal; e o seu contexto inteiro, o culto da igreja. A teologia anterior à crítica era, dessa forma, doxológica, acabava em louvor e na glorificação de Deus por parte dos homens e mulheres que compunham as congregações que o adoravam. Esse é um elemento que se perdeu, particularmente no campo de trabalho dos cursos teológicos das universidades.

As razões dessa perda são inúmeras. A privatização da religião testemunhada pelo Iluminismo serviu para empurrar para o segundo plano as questões existenciais da natureza pessoal da verdade religiosa. Além disso, os aspectos centrais do testemunho cristão histórico, de forma especial toda a ideia das Escrituras, da revelação especial, e da reconciliação da forma em que é expressa nos grandes credos e confissões da igreja tornaram-se uma espécie de empecilho, devido às concepções epistemológicas e éticas daquela época. A teologia por muito tempo tinha sido descrita com o uso de linguagem científica, mas o pensamento do Iluminismo a respeito daquilo que era e do que não

era científico resultaram em que, se a teologia fosse conservar o status científico na universidade, ela teria de submeter-se à separação de suas raízes na vida e no culto da comunidade da fé.

Além disso — e aqui suponho tratar de um assunto mais controverso — a própria existência e alvo da teologia dentro das universidades não eram, em minha opinião, nem úteis nem apropriados. Embora muitas universidades tivessem origem cristã, no Iluminismo a universidade tornou-se — e permanece — um fenômeno secular, em que as estruturas daquilo que conta ou não conta como conhecimento eram estabelecidas (e continuam sendo) pelas filosofias da Europa iluminista (com a pós-modernidade sendo, em minha opinião, de modo fundamental e significativo a continuação da modernidade). A fundação da Universidade de Berlim, com os debates que envolveram a questão sobre se a teologia, e que tipo de teologia deveria ter algum espaço, são um microcosmo daquilo que estava acontecendo em toda a Europa.

O resultado do Iluminismo nas universidades foi devastador para a teologia exatamente porque o Iluminismo exigia que a teologia se explicasse não em termos de si mesma, de suas próprias dinâmicas interiores e propósitos últimos, mas em termos do critério universal que havia sido estabelecido para julgar aquilo que era e o que não era plausível dentro da estrutura e do sistema da universidade. A base disso tudo, é claro, era a perda da ideia de que a Bíblia era um livro sobrenaturalmente inspirado e de que Deus em Cristo reconciliava o mundo consigo mesmo. Como Stephen Williams tão persuasivamente debateu em seu livro *Revelation and Reconciliation*,¹ aquela verdade agredia a epistemologia iluminista, e esta última escandalizava

¹ Cambridge: CUP, 1996.

a moralidade iluminista. Naquela época, isso não era considerado como algo muito sério para a fé cristã: a autoconfiança dos cristãos iluministas, apoiada no fato de que o cristianismo, no final das contas, dominava todo o contexto cultural, levou-os a continuar crendo que o cristianismo era por si só superior às outras religiões e sistemas de crença, mesmo sem uma Bíblia e sem um Salvador sobrenaturais compreendidos nos termos de Calcedônia.

Só mais tarde é que se tornou evidente que o dentifrício teológico naquela altura estava totalmente fora da bisnaga. Naquela época, ninguém nem pensou que o cristianismo teria de justificar seu lugar especial na vida e no pensamento, tão superior parecia ele a todas as outras alternativas. Na verdade, o fato de que a Bíblia não era inspirada no sentido tradicional da palavra, e de que Cristo não era Salvador no sentido tradicional do termo não significava que ambos não fossem agora ainda melhores do que o restante. No entanto, ao abrir mão desses dois pontos, os teólogos iluministas abriram mão dos dois pontos que de fato sustentavam a busca da teologia como uma disciplina que tinha sua própria inteireza. Ora, sem nenhum centro epistemológico ou soteriológico que a mantivesse una, formou-se o palco para a disciplina fragmentar-se irremediavelmente, não apenas como resultado das pressões externas criadas pelo surgimento da onda de informações e da especialização das inúmeras disciplinas que nasceram na cultura acadêmica em geral, mas também por sua própria falta de base interna para fornecer coerência e unidade. O resultado é que hoje é um tanto ilusório falar de teologia ou de faculdade teológica como uma disciplina universitária. Na maioria dos casos, ela é uma coleção sem sentido de vários assuntos, metodologias e filosofias que por coincidência estão naquele departamento por razões

que mais têm a ver com a história institucional e administrativa do que por qualquer coerência ou relação mútua.

Há várias lições que se podem extrair dessa breve observação histórica. Em primeiro lugar, saibam que a disciplina ou as disciplinas que você estuda hoje não caíram do céu. Elas não surgiram do nada, mas são e contêm as perguntas feitas e as respostas dadas no correr dos anos, e não estão imunes ao desenrolar geral da história. Pelo contrário, foram profundamente modeladas em forma, propósito e conteúdo pelo mundo de onde surgiram. Um fator, por essa causa, são as pressuposições iluministas quanto ao que é um método válido, o que é plausível, e o que é inaceitável como argumento acadêmico. Para o leitor do ano 2.000, os fatores mais significantes, em minha opinião, são como a cultura administrativa que tanto domina as universidades, combinada à brutal profissionalização de que o ensino filosófico e a posição política estão tão permeados está mudando não apenas a forma como os assuntos são ensinados em sala de aula, mas toda a maneira de se compreender a educação dentro do contexto mais amplo da sociedade. Quanto a toda a conversa sobre o impacto das epistemologias pós-modernas sobre a educação, minha crença como alguém que trabalha inserido no sistema é que as discussões epistemológicas dentro da academia são uma cortina de fumaça do evento mais importante, algo como um toque de violino acadêmico enquanto Roma se incendia. O maior problema da teologia das universidades financiadas pelo Estado, no momento, não é na verdade o problema de justificar-se a si mesma com bases epistemológicas, mas de justificar-se com bases comerciais e econômicas. O verdadeiro perigo para a reflexão, para o debate inteligente, e para o verdadeiro aprendizado, vem dos mulás fundamentalistas do controle gerencial e do consumismo que, não satisfeitos

por terem levado a sociedade à ampla adoração de falsos deuses do materialismo moderno, querem fazer a mesma coisa com o ensino superior. Quando o propósito da educação passa a ser unicamente servir ao mercado comercial, os ramos do conhecimento em geral estão em grave perigo, e a teologia em especial encontra-se definitivamente insegura.

Mas eu divaguei. A verdadeira lição aqui é aprender a história da disciplina que você escolheu estudar. Por que razão os professores de Novo Testamento rejeitam o nascimento virginal de Cristo? Será que isso tem alguma coisa a ver com a evidência histórica? Será que tem ligação com alguma epistemologia que rejeita *a priori* a possibilidade de esse fato ter ocorrido? Será que tem algo a ver com a tradição da teologia a que eles pertencem que simplesmente desconsidera a necessidade do nascimento virginal? Todas essas são perguntas legítimas. É claro, esse é um ponto simples, mas importante. Obviamente, os evangélicos que se especializam nesses diferentes campos são os que têm condições de guiá-lo nesses assuntos; mas em geral não se deixe enganar por demonstrações exteriores de objetividade intelectual — descubra qual é a crença dos seus professores, e como ela influencia a forma como eles pensam e ensinam.

O segundo ponto é mais importante ainda: à medida que procura integrar sua fé com os seus estudos, saiba que o próprio contexto dos seus estudos, a própria tradição universitária onde você está, é profundamente oposta exatamente à integração que você busca. O mundo da teologia universitária é um mundo artificial. É um mundo onde um assunto desenvolvido especificamente dentro do contexto da fé como meio de alimentar o povo de Deus foi retirado do seu contexto e despido das suas pressuposições mais importantes. É aqui que eu penso residir o maior

perigo, e, de fato, é o que me preocupa mais sobre a obsessão evangélica com o sucesso acadêmico. A teologia não é meramente uma questão de conteúdo; ela é também uma questão de contexto; e teremos fracassado se simplesmente substituirmos o liberalismo pelo evangelicalismo com respeito ao conteúdo, ao passo que nos satisfazemos com o contexto em geral.

Permitam-me elaborar o assunto da seguinte forma, usando uma analogia simplória, mas esclarecedora. Imaginemos que em certo momento no futuro se decida que a disciplina médica precisa de uma reforma. Isso é feito em primeiro lugar negando-se que certos remédios possuíssem propriedades curativas que outros não tinham. Inicialmente, presume-se que, pelo fato de os antibióticos serem claramente superiores ao bicarbonato de sódio na cura de infecções, a diferença no poder curativo está relacionado ao nível da cura, e não à qualidade; mas aos poucos, com o passar do tempo, todos os compostos são considerados como igualmente poderosos para curar. Em acréscimo a essa primeira alegação quanto aos poderes curativos, os reformadores também negam que haja qualquer doença que precise ser curada. Novamente se parte do pressuposto de que a pessoa muito doente na verdade não está tão doente assim, mas que apenas não tem tanta saúde quanto as outras; gradualmente, no entanto, a lógica dessa posição se desenvolve e se torna um ato de imperialismo cultural que alega que uma pessoa está mais ou menos doente do que qualquer outra. Na verdade, esse tipo de alegação com certeza vai arruinar o seu trabalho na faculdade médica. Os resultados, é evidente, são previsíveis — a medicina, cujo propósito era estudar e curar as doenças humanas fragmenta-se porque não há nada que lhe mantenha o equilíbrio, não há nem preocupação nem convicção central que possibilite uma base clara para a integridade disciplinar. Além disso, os

hospitais conduzidos pelos alunos desses grandes homens da medicina gradualmente se esvaziam à medida que os pacientes morrem devido aos tratamentos oferecidos, e o restante do povo simplesmente se dirige a outro lugar em busca de tratamento, sabendo instintivamente que aquilo que se oferece em tais hospitais não é adequado às suas necessidades.

Mais adiante, vem um grupo de estudantes que, por alguma razão, gradualmente se desilude com aquilo que lhes é ensinado. Para alguns, a coisa toda não se harmoniza com a sua própria experiência; para outros, aquilo que aprendem não serve para nada quando eles mesmos estão doentes; mas, para outros, isso acontece porque leram alguns livros de medicina que, embora não constem em nenhuma bibliografia que já lhes tenha sido indicada na escola médica, parecem bastante sensatos. Com o passar do tempo, eles se organizam numa Comunidade de Estudantes de Farmácia e Medicina, onde se reúnem uma vez por semana para debater assuntos médicos e para discutir a ortodoxia acadêmica recebida em sala de aula. Na verdade, uma vez por ano eles até organizam uma conferência, onde os palestrantes são um grupo de fundamentalistas desvairados que de alguma forma conseguiram serviço em faculdades de medicina a despeito de estarem comprometidos com as estranhas ideias de que a medicina é benéfica para você, o veneno é ruim, e as pessoas realmente têm doenças (embora, curiosamente, vários desses palestrantes ocupem posições de destaque na história da medicina, ou na interpretação de textos médicos, e não na medicina propriamente dita).

No entanto, há um problema com esse grupo: sim, eles estão intelectualmente comprometidos com as antigas noções reacionárias de doença e cura; sim, eles pretendem pensar por

si mesmos a respeito dos assuntos médicos; mas no final do dia, tudo o que fazem não passa de conversa. Eles consideram cumprida a sua tarefa quando demonstram ao professor Smith e ao Dr. Jones que é algo plausível, mesmo no cenário da escola médica, crer em doença e em cura; e basicamente tudo o que de fato querem é que Smith e Jones e todos os da sua laia os aceitem e aos seus pontos de vista e lhes deem um lugar justo na mesa do debate. Eles na verdade não querem aplicar a si mesmos aquilo que aprenderam, nem aos doentes que estão no hospital; até mesmo em seus grupos de comunhão, eles temem usar a antiga terminologia ofensiva a respeito de doença, cura, veneno e remédio; e com certeza não pretendem dizer que Smith e Jones não fazem contribuições interessantes e legítimas ao debate. Na verdade, eles são os que riem mais alto quando Smith dispara uma piada a respeito dos ignorantes médicos fundamentalistas do passado, como Louis Pasteur e Alexander Fleming; esses alunos só querem ser reconhecidos como médicos espertos que, a despeito do seu comprometimento intelectual com a cura das pessoas, são inteiramente decentes e de fácil relacionamento e que não vão complicar a situação tentando realmente curar as pessoas. Eles rejeitaram os xiboletes da teoria médica contemporânea, mas o fizeram no mesmo contexto e cultura dos seus oponentes: não de curar as pessoas, mas de fazer malabarismos com ideias inteligentes e interessantes.

Espero que vocês tenham captado a ideia. É claro, a analogia não é perfeita, e a ciência médica, esperamos, jamais será degradada a esse ponto absurdo. Contudo, a abordagem que a universidade moderna faz da teologia pareceria tão absurda a um professor medieval como o cenário que descrevi acima o pareceria a um médico moderno. A universidade moderna separou

a teologia do seu devido lugar na vida da igreja e abandonou a linguagem tradicional da doxologia, ortodoxia e heresia. Você pode acionar todas as reuniões de Conselhos de Estudantes de Teologia que quiser, mas o problema não é apenas a teologia liberal que se aprende na universidade, mas a cultura toda e o sistema da universidade, dos quais você e eu fazemos parte. No final das contas, a universidade não está interessada nas reivindicações que tornam tão importante a teologia cristã: revelação, pecado, Cristo, redenção. Para a universidade, na melhor das hipóteses, esses são assuntos para serem examinados e discutidos, e, na pior das hipóteses, são irrelevantes numa educação que enxerga apenas o critério econômico como o que constitui a verdade autêntica; evidentemente, esses assuntos não devem jamais ser postos em prática. Contudo, essas são coisas cuja verdade ou falsidade exigem não apenas uma reação intelectual de nossa mente, mas uma reação existencial com todo o nosso ser. Nós simplesmente não podemos conversar a respeito desses assuntos de forma desinteressada e permanecer em conformidade com a sua importância original. Não é suficiente rejeitar a teologia liberal dos seus professores universitários; essa é uma tarefa digna quando feita de forma completa e de maneira inteligente; mas não é uma tarefa que se deva fazer como um fim em si mesma; e nem mesmo é a tarefa mais difícil que você irá enfrentar. Na verdade, se isso é tudo que você, como estudante evangélico de teologia, está interessado em fazer, você provavelmente não precisará nem preocupar-se.

Muito mais sutil e muito mais sério do que ser prejudicado pelo conteúdo daquilo que lhe é ensinado é ser prejudicado pelo contexto do discurso da universidade, com sua tendência de neutralizar todos os imperativos da teologia cristã. Agora, não me interprete mal aqui — eu não estou dizendo que não

devemos conhecer nem interagir com o melhor dos conhecimentos modernos, o melhor e mais sério da teologia liberal, e os mais complexos desafios à ortodoxia. Os meus próprios heróis da história, Agostino, São Tomás de Aquino, John Owen, Charles Hodge, B. B. Warfield e W. G. T. Shedd, para mencionar apenas seis, todos fizeram essas coisas; nenhum deles sentiu a necessidade de isolar-se do mundo acadêmico; mas eles não buscavam a ortodoxia teológica como um fim em si mesma. Eles o fizeram porque criam que essa teologia era fiel ao texto bíblico e por essa razão era de importância decisiva tanto para eles como para os outros. Não se deixe enganar pelos evangélicos que hoje gastam o tempo exaltando os conhecimentos dos liberais e dos incrédulos ao mesmo tempo que criticam e zombam de nossos antepassados evangélicos por causa dos seus pecadilhos intelectuais. Sem dúvida, Deus será o juiz final desta tendência evangélica atual de fazer vista grossa às grandes blasfêmias dos teólogos liberais que por acaso expressam as estranhas doutrinas valiosas e ortodoxas, ao mesmo tempo em que criticam os evangélicos do passado por causa dos erros que cometeram. Coam-se muitos mosquitos, ao mesmo tempo em que se engolem inteirinhos muitos elefantes enormes. Nossos antepassados não eram estúpidos; nem eram brutos grosseiros que respondiam com ofensas e raiva automáticas aos que discordavam deles; mas tampouco estavam dispostos a fazer de conta que estava tudo bem com aqueles cuja teologia era fundamentalmente oposta ao Evangelho. Os assuntos em jogo, assuntos que têm, afinal, consequências eternas eram, são, e sempre serão importantes demais para serem reduzidos a joguinhos intelectuais ou para serem restringidos pelos protocolos da diplomacia acadêmica. Sim, interaja com os liberais e o faça de forma inteligente e séria — a igreja precisa de homens e mulheres que se disponham a executar essa tarefa; mas não se

envolva na cultura moderna do protocolo acadêmico evangélico que conduz apenas a uma inútil confusão daquilo que é bom com aquilo que é mau. A paz incondicional com a heresia não deve jamais ser confundida com a correta integração da fé com o conhecimento.

De certa forma isso me traz de volta aos pontos com que dei início ao meu artigo. Você quer integrar sua fé com os seus estudos? Não é possível fazê-lo no simples ambiente acadêmico da universidade porque a universidade moderna em sua real essência está projetada para rejeitar o tipo de integração que você busca. Só é possível fazê-lo quando se dá à teologia o seu lugar apropriado dentro da igreja, dentro da comunidade que cultua a Deus. E é por essa causa que o fato de você estar ativamente envolvido na comunhão de uma igreja local não diz respeito apenas aos princípios cristãos de obediência; diz respeito também ao senso comum santificado, se você segue com verdadeiro zelo cristão os seus estudos universitários.

Por que isso? Porque a igreja é o lugar onde você será lembrado sempre de novo a respeito daquilo que está estudando, e como isso influencia a sua vida. Você pode debater o pecado numa aula de teologia, mas num sermão você ouvirá algo que jamais ouvirá numa artificial palestra universitária: que você mesmo é pecador, intimamente envolvido na própria coisa a respeito da qual falaram de forma tão abstrata no seminário. Você pode falar a respeito da expiação com o seu supervisor; mas é apenas o pregador que lhes dirá que Cristo morreu por você. Você podem estudar escatologia para elaborar um ensaio que lhe foi dada como tarefa, mas é apenas na igreja que você participará da ceia do Senhor, lembrando de fazer isso até que Cristo venha outra vez em glória.

Em outras palavras, você precisa não apenas suplementar com saudável e ortodoxa teologia evangélica o material liberal que os seus professores universitários lhes ensinam; precisa também colocar-se num ambiente em que seja minorada a indiferença e a distância que o estudo teológico acadêmico produz para com a vida real. E esse lugar é a igreja.

Eu espero que este artigo instigue você. Quando no domingo você ouve que estão cultuando o Deus que rege a história, que é soberano, que é poderoso para salvar, e que mesmo assim se humilhou assumindo forma humana para cuidar dos abatidos e necessitados — isso não faz seu coração arder quando você lida com assuntos teológicos e bíblicos em seus estudos na manhã de segunda-feira? É claro, muitos dos seus estudos serão entediantes, frustrantes, contrários à fé que lhe é tão cara; mas no final das contas o que vale é que você não deixe que isso o desanime; e não permita que a universidade determine a sua vida teológica pessoal da mesma forma que determina o seu currículo de estudos teológicos. Certifique-se de que sua mente e coração estejam cheios até a borda com bom material que o habilite a lidar com o lixo que surgir à sua frente à medida que você prossegue em seu caminho. Encare o seu trabalho teológico como deve encarar todos os seus trabalhos: e ajam com devoção para a glória do Deus que o comprou com precioso sangue, e que um dia o glorificará no céu.

Por essa razão, finalizo com as palavras de alguém muito mais capacitado do que eu para falar dos conhecimentos teológicos dos seus próprios dias, liberais e conservadores, católicos e protestantes; alguém versado em uma imensa série de disciplinas acadêmicas a tal ponto hoje impossível; um homem honrado por uma das importantes universidades da Europa em

razão da sua contribuição à teologia; mas também um homem que conhecia o amor de Cristo em seu próprio coração e que procurava por meio dos seus escritos, conhecimentos e devoções, irradiar esse amor o mais amplamente possível. Refiro-me, é claro, ao grande Benjamin Breckinridge Warfield. Em *The Idea of Systematic Theology* ele escreveu o seguinte:

O teólogo sistemático é acima de tudo um pregador do Evangelho; e é evidente que o objetivo do seu trabalho não é meramente o arranjo lógico das verdades que lhe vêm à mão, mas induzir os homens a amar a Deus com todo o seu coração e ao seu próximo como a si mesmos; a decidir-se pelo Salvador da sua alma; a descobrir quão precioso ele é, e assim perseverar; e a reconhecer e render-se às doces influências do Espírito Santo a quem ele enviou. Com essa verdade ele não se atreverá a lidar com um espírito frio e meramente científico, mas permitirá devida e necessariamente que a sua preciosidade e seu propósito prático determinem o espírito com que lidará com ela, e que desperte o amor reverente com o qual somente ele haverá de investigar as suas implicações e aplicações. Para isso precisa estar o tempo todo cheio de um senso do indizível valor da revelação que se apresenta diante dele como a fonte do seu material, e com as relações pessoais das suas diferentes verdades em seu próprio coração e vida; ele precisa ter provado e continuar provando uma plena, rica e profunda experiência religiosa das grandes doutrinas com que se ocupa; precisa viver em comunhão íntima e viva com seu Deus, precisa sempre repousar a cabeça no peito do seu Redentor, ser constantemente cheio com as claras influências do Espírito Santo. O estudante de teologia sistemática precisa de uma natureza religiosa muito sensível, de um coração inteiramente consagrado, e de uma unção do Espírito Santo sobre ele que o encherão do discernimento espiritual sem o qual é vã toda capacidade intelectual natural. Ele precisa ser não apenas um estudante, não meramente um pensador, não apenas alguém que sistematiza, não apenas um professor — precisa ser ele mesmo um dis-

cípulo amado; precisa ser, no mais elevado, verdadeiro e santo sentido um teólogo.²

Essa era a visão de Warfield. Talvez você exclame: Impossível! É impossível atingir esse nível de integração entre devoção e estudo! Bem, sim, para nós essas coisas são impossíveis — mas para Deus todas as coisas são possíveis. Vamos orar para que o grande Deus da graça nos conceda alguma medida dessa experiência cristã em nossos estudos e nesse ensino que Warfield descreve com tanta eloquência!

² Warfield, B.B., *Studies in Theology*.

A IMPORTÂNCIA DA **SINCERIDADE** **NO ESTUDO** TEOLÓGICO

Não há pergunta mais premente formulada pelo estudante de teologia do que a questão de como o estudo teológico acadêmico pode relacionar-se adequadamente à vida diária desse mesmo estudante enquanto cristão. Ora, esse é um tema vasto, e dificilmente poderá ser abarcado de forma apropriada neste artigo. Afinal, é um assunto com o qual algumas das maiores mentes da igreja têm lutado durante a vida toda, sem jamais chegar a uma resposta plenamente satisfatória. Por essa razão, é importante, desde o início, deixar bem claro qual é o ponto que pretendo debater neste artigo, para que, como dizem os profissionais da propaganda, evitemos as frustrações. Meus objetivos são bem modestos. Não pretendo lidar com nenhum contexto específico, apenas com o contexto geral em que os seus estudos devem ser abordados.

Dr. Carl Trueman é ministro presbiteriano (OPC), professor e chefe do Departamento de História da Igreja no Westminster Theological Seminary, Filadélfia, USA. Este artigo, aqui reproduzido com autorização do autor, foi publicado na Revista Themelios 26.1 (Outono de 2000): 34-47.



Edição Digital – ospuritanos.org
Facebook/[ospuritanos.org](https://www.facebook.com/ospuritanos.org)